



Artículos y Ensayos

O ESPÍRITO DOS INFERNOS: SOBRE A TRANSFERÊNCIA ERÓTICA

RODRIGO MARQUES COSTA

RESUMO

A transferência ocupa espaço na teoria psicanalítica desde as primeiras teorizações de Freud. Lacan a situou em relação ao significante, de modo que ela só pode ser originada no plano simbólico. Em seu seminário sobre a carta roubada, ele ressalta a supremacia do significante no sujeito, o que traz uma série de implicações clínicas no que tange à transferência, especialmente a erótica. Tendo sido definida por ele como uma “transferência” selvagem, o significante na transferência erótica encontra-se geralmente fora da clínica, trazendo ao analista uma série de dificuldades na condução da análise e exigindo dele uma disposição técnica e, sobretudo, ética. Neste trabalho, ressaltam-se dois casos de fracasso no manejo da transferência erótica, sendo o primeiro exemplo retirado do filme “O Anticristo”, de Lars Von Trier, e o outro de uma experiência clínica.

Palavras-chave: transferência, transferência erótica, significante, psicanálise.

**THE SPIRIT OF HELL: ABOUT EROTIC
TRANSFERENCE**

ABSTRACT

The transference takes up space in psychoanalytic theory from the early theories of Freud. Lacan situated it in relation to the significant, so that it can only be originated in the symbolic plan. In his seminar on the Purloined Letter, he emphasizes the supremacy of the significant in the subject, which brings a serious clinical implications regarding the transference, especially the erotic one. Having been defined by him as a “wild transference”, the significant in the erotic transference is usually outside the clinic, bringing the analyst a number of difficulties in conducting analysis and calling him a technical but



especially ethical provision. In this work, we emphasize two cases of failure in management of erotic transference, the first example taken from the movie "The Antichrist" by Lars Von Trier, and the other one from a clinical trial.

Keywords: transference, erotic transference, significant, psychoanalysis.

EL ESPÍRITU DEL INFIERNO: SOBRE LA TRANSFERENCIA ERÓTICA

RESUMEN

La transferencia tiene lugar en la teoría psicoanalítica desde las primeras teorías de Freud. Lacan la expresó en relación con el significante, de manera que sólo puede ser originada en el ámbito simbólico. En su seminario sobre la carta robada, subraya la

supremacía del significante en el sujeto, lo que trae graves consecuencias al trabajo clínico en relación a la transferencia, especialmente erótica. Habiendo sido definido por él mismo como una "transferencia salvaje", el significante en la transferencia erótica ocurre generalmente fuera de la clínica, con lo cual el analista encuentra una serie de dificultades para llevar a cabo el análisis, necesitando una especial disposición técnica y ética. En este trabajo, se destacan dos casos de fracaso en la gestión de la transferencia erótica, el primer ejemplo tomado de la película "El Anticristo", de Lars Von Trier, y el otro, de un ensayo clínico.

Palabras clave: Transferencia; transferencia erótica; significante; psicoanálisis.



A transferência ocupa lugar na obra de Freud desde o início do desenvolvimento da Psicanálise. Em *Estudos sobre a Histeria*, ele reconheceu imediatamente o caráter perturbador da transferência, pelo qual o surgimento, na análise, do amor que se volta para o analista desempenha tanto um papel revelador do passado como também o de resistência ao relato desse passado (PORGE, 1996). Entre os anos de 1912 e 1915, Freud escreveu os mais específicos artigos sobre a técnica psicanalítica e sua relação com a transferência. Entre vários outros textos e artigos, destacamos a ressalva que ele faz em 1923, no texto *Dois Verbetes de Enciclopédia*, em relação ao amor de transferência, de que a mudança de analista era acompanhada pela repetição do sentimento (FREUD, 1923/1996). O interessante dessa afirmativa é que ela permite verificar que na transferência ocorre a repetição constante de um método específico de se conduzir na vida erótica, mostrando *in vivo* os conflitos do paciente e sua forma de se portar e relacionar (LOYOLA, 2007).

Com os estudos de Lacan, podemos articular a transferência a partir de duas modalidades lógicas: objeto a e sujeito suposto saber, sendo que o primeiro se situa no plano do possível - o objeto a é situado no campo do Outro, permitindo a possibilidade da transferência - e o segundo no plano do necessário - a transferência só pode ser originada no sujeito suposto saber, ou seja, no plano simbólico (PORGE, 1996).

Como sabemos, Lacan sempre se deteve na questão do simbólico na formação do sujeito. É que, de acordo com seus estudos, a ordem simbólica é constituinte para o sujeito. Essa é a principal análise que podemos inferir de vários de seus textos, e vale destacar a ênfase que ele dá nessa questão no seminário sobre o conto de Alan Poe chamado "A Carta Roubada". Este é, em seu dizer, um conto que demonstra a



“determinação fundamental que o sujeito recebe do percurso de um significante” (LACAN, 1998, p. 12).

O conto, resumidamente, se desenvolve da seguinte forma: o chefe de polícia procura o detetive Dupin para recuperar uma carta extremamente comprometedora que foi roubada da Rainha em sua sala íntima. Ocorre que o Rei havia entrado no exato momento em ela examinava a carta e, na impossibilidade de colocá-la dentro de uma gaveta, ela teve que deixá-la aberta, sobre o tampo de uma mesa. O Ministro D., bastante astuto, entrou neste exato momento e, percebendo tudo, retirou do bolso uma outra carta, substituindo-a pela primeira sob os olhares da Rainha, que nada pôde fazer, sob pena de comprometer-se. Desde então, a polícia vasculhou de várias formas e em todos os detalhes os aposentos do Ministro, com o objetivo de recuperar a carta roubada, mas sem sucesso.

O Detetive Dupin aceita o desafio de encontrar a carta. Assim, faz uma visita supostamente despreziosa ao escritório do Ministro D. e, ao percorrer o cômodo com os olhos, recai seu olhar sobre um

porta-papéis barato, feito de cartão comum filigranado, pendurado por uma fita azul e ensebada, presa a uma pequena maçaneta de latão abaixo do centro do tampo da lareira. Neste porta-papéis, que tinha três ou quatro compartimentos, tinham sido colocados cinco ou seis cartões de visita e um único envelope. Este último estava muito sujo e amassado. Tinha sido rasgado quase em dois, bem na metade, como se a intenção inicial de rasgá-lo completamente, antes de jogá-lo fora como uma coisa inútil, tivesse sido alterada ou suspensa por uma decisão momentânea (Poe, p. 32).



O detetive percebeu que se tratava da carta roubada e, propositadamente, esquece, antes de sair do escritório do Ministro, uma caixa de rapé sobre a mesa. No dia seguinte, ao retornar para pegar a caixa “esquecida”, retoma com o Ministro o assunto do dia anterior, quando um alto barulho e gritos advindos da rua distraem a atenção do Ministro, que vai imediatamente à janela ver o que se passa. Tratava-se de um incidente contratado por Dupin que, nesse momento, troca a carta roubada por outra com a mesma aparência, e depois despede-se, levando consigo a carta original. Vale ressaltar que, na carta que deixa no porta-papéis do Ministro, Dupin escreve uma mensagem que o identifica, de modo que o Ministro tenha consciência de quem pegou a carta.

Lacan destaca que as duas trocas da carta são ações que carregam consigo a estrutura de uma repetição, na qual o significante é que determina os lugares ocupados pelos sujeitos. O Ministro, por exemplo, passa a ocupar o lugar de cegueira antes ocupado pelo rei e, depois, pela polícia (MARTINS, 2009). O detetive Dupin, com a posse da carta, passa a ocupar o lugar do Ministro, e é por isso que ele deixa um recado ao Ministro. É por isso que ele, sem saber, teve que identificar-se na carta trocada. O detetive acha que o faz como uma brincadeira, mas não percebe que é obrigado a fazer isso, pois esse é o seu lugar, definido pela lei do significante (Lacan, 1998). Assim, Lacan conclui que a maneira como os sujeitos se revezam no deslocamento dos lugares confirma um automatismo de repetição, ou seja, que o “deslocamento é determinado pelo lugar que vem a ocupar em seu trio esse significante puro que é a carta roubada” (LACAN, 1998, p. 18). É especialmente nesse sentido que Lacan afirma a supremacia do significante no sujeito.



Essas considerações são especialmente úteis quando pensamos na clínica e no lugar do analista, a quem são dirigidos os significantes que conduzem o analisando em sua vida erótica. É o que diz Lacan, em *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*:

O analista é aquele que sustenta a demanda, não, como se costuma dizer, para frustrar o sujeito, mas para que reapareçam os significantes em que sua frustração está retida.

Sustentar a demanda. Eis algo válido para qualquer análise, mas que exige do analista uma disposição técnica e, principalmente, ética, em casos como os da transferência erótica. Neles, é com rigor que devemos ler a recomendação de Freud, em *Observações sobre o Amor Transferencial*, de que “é tão desastroso para a análise que o anseio da paciente por amor seja satisfeito, quanto que seja suprimido” (FREUD, 1914, p. 183). Ou, ainda, a de que:

Instigar a paciente a suprimir, renunciar ou sublimar suas pulsões, no momento em que ela admitiu sua transferência erótica, seria, não uma maneira analítica de lidar com eles, mas uma maneira insensata. Seria exatamente como se, **após invocar um espírito dos infernos**, mediante astutos encantamentos, devêssemos mandá-lo de volta para baixo, sem lhe haver feito uma única pergunta. “Ter-se-ia trazido o recalcado à consciência, mas apenas para recalca-lo mais uma vez”. (FREUD, 1914, p. 181, grifos nossos).

Adotar uma postura analítica, esse *sustentar a demanda*, poderia parecer algo, à primeira vista, extremamente fácil. Bastaria manter-se à distância, poderíamos pensar, mas sabemos que a condução de uma análise não é bem assim. É algo que traz uma série de dificuldades na prática clínica, pois a transferência, especialmente a erótica, invade o



corpo do analista sem pedir-lhe licença, e ele, quando menos percebe, está diante de seu narcisismo desvelado pela pulsão do outro. Constatamos na prática, especialmente nesses casos, a afirmação de Lacan (1998) que o analista também tem que pagar nas análises que conduz. Pagar com suas palavras, com sua pessoa, e com o que “há de essencial em seu juízo mais íntimo, para intervir numa ação que vai ao cerne do ser” (LACAN, 1998, p. 593).

Neste trabalho, relatam-se dois exemplos de transferência erótica que demonstram a dificuldade, ou resistência mesmo, desse pagamento por parte do analista, sendo um deles retirado do filme *O Anticristo*, de Lars Von Trier, e o segundo, de uma experiência clínica.

O filme *Anticristo*, de Lars Von Trier, pode ser considerado um filme de terror, mas não um terror hollywoodiano, longe disso. Trata dos terrores humanos, e é assim que ele, desde o início, se propõe. O prólogo, com cenas de sexo explícito ritmado com a música *Lascia Ch'io Pianga*, de Händel (Deixe-me chorar/meu destino cruel/e eu suspiro por liberdade) já nos passa a ideia de que a verdade feminina (expressa por Lars Von Trier como intimamente ligada à natureza) está aquém da lógica fálica da maternidade: o casal transa, o filho acorda, sobe à janela, e cai de uma altura mortal, tendo a mãe visto toda cena trágica enquanto simplesmente transava, sem nada fazer para evitar a morte do filho.

Em seguida, ela desenvolve uma forte crise de ansiedade e depressão, e o marido, “psicanalista”, ao contrário do que qualquer psicanálise, ou até mesmo abordagem psicológica, poderia propor, sugere e resolve tratá-la, em um contexto no qual a transferência erótica já estava estabelecida e perversamente consentida. Lêdo engano do



ingênuo homem, que pensa em destruir o desejo feminino apenas e tão somente com seu falo. Destacam-se algumas cenas em que, diante da violência da mulher, ele transa com ela, como se pudesse assim conter sua agressividade, seu desejo. O que se sucede no desenrolar da trama é a piora da condição da depressão da mulher, o aumento de sua fúria, o desespero, a morte.

Vale ressaltar a entrevista que Lars Von Trier concedeu à revista *Veja*, periódico de distribuição semanal brasileira publicada pela Editora Abril, na qual ele fala, entre outras coisas, sobre a depressão por que passou durante as filmagens:

Passei horas sem fim em consultas com psicólogos e psiquiatras, e é claro que estou zombando deles. O que um terapeuta tipicamente diria a um paciente na situação da mãe de *Anticristo* é que a ansiedade não é perigosa; eu fiz o filme para dizer que, sim, a ansiedade é perigosa.

O interessante é que em sua tentativa de zombar, Lars Von Trier é extremamente coerente com a teoria psicanalítica. Pois o que ocorre quando um analista corresponde à transferência erótica senão o fracasso, o ingênuo engano, o terror, a morte?

Vinheta clínica

Marcos procurou análise afirmando já ter passado por vários analistas, “todos muito fracos”. Desde a primeira sessão, portava-se como se o desejo de fazer análise fosse do analista, e não dele. Qualquer colocação ou corte no sentido de responsabilizá-lo por esse desejo provocava-lhe extrema angústia, e ele tratava de retornar o desejo para o analista. Durante o tempo em que veio às suas sessões, Marcos constantemente



reclamava. Reclamava da postura do analista, de seu modo de vestir, de sua aparência, do espaço físico, do desconforto da cadeira, do divã, do sol, do calor, do horário, enfim, de tudo o que fosse possível reclamar.

Marcos também passou a tratar o analista de modo bem parecido como tratava seu pai – com ódio, medo e amor. Chamava-lhe por nomes que já havia ter dito sobre seu pai, em seu dizer, um “lindo, mas tenebroso homem”. Em poucos instantes o “excelente analista” se tornava o “pior analista do mundo” e vice-versa. Essa era uma atitude que ele também teve com os analistas anteriores. Aliás, Marcos falava de suas análises anteriores sempre nessa mesma relação ódio/amor. Falava sobre como assustava uma analista que era muito bonita, mas muito nova, ou como provocara muita raiva em um analista sábio, mas já velhaco. Ninguém prestava, muito menos ele próprio, dizia constantemente. E, assim, todo mundo prestava (e se emprestava) para seu sintoma.

Em quase nenhum momento Marcos se colocou como sujeito desejante, ou ao menos acenou para a possibilidade de o sujeito advir. As sessões foram se tornando, aos poucos, uma verdadeira batalha de perguntas e perguntas, que eram jogadas de um lado para o outro. O desejo tomou a forma de uma bolinha de pingue-pongue que não deveria ficar em lugar algum, muito menos cair em qualquer lado dos lados. Ela permanecia sempre no ar.

Após quatro meses, Marcos chega à sessão e diz “você não dá conta de mim”. Resolve, assim, sair da análise, uma decisão que pareceu, à primeira vista, sábia e ousada, afinal, ele havia promovido um corte no eterno pingue-pongue que ali se travava. Porém, pouco tempo depois, por intermédio da pessoa que havia indicado, faz chegar ao analista a informação de que se havia “apaixonado por ele”. Uma reflexão sobre esse recado que



Marcos mandou permite-nos rever a impressão em relação à sua até então decisão ousada. É que podemos enquadrar seu movimento de sair da análise e, posteriormente, mandar o recado, seu *acting-out*, apenas como resultante do lugar que ele ocupava, como o portador da carta roubada. A carta, afinal, tinha que chegar a seu destinatário, e o significante só fez com que ele e o analista ocupassem, cada um, o seu devido lugar na cena analítica.

No texto *A dinâmica da transferência* (1912), Freud afirma que a transferência erótica é geralmente encoberta em vez de revelada. Durante os meses em que Marcos compareceu às sessões foi o que de fato ocorreu, mas, ao final, houve a revelação pelo *acting-out*, definido por Lacan no Seminário X (A angústia) como uma transferência selvagem, uma mensagem dirigida ao analista, que fica diante da questão de como ler esse recado, de como manejá-lo e trazê-lo para dentro do consultório. Nas palavras de Lacan, de como fazer com que o elefante selvagem possa entrar no cercado (Lacan Seminário X, p. 140 1962-1963/2005).

Conforme vimos, Marcos, como portador do significante, tinha que conduzir a carta para seu lugar. Mas Lacan também atenta para este fato: a cada vez que a carta muda de cenário, uma carta-resto é deixada no antigo lugar, “um resto preparado como está para reter tudo o que é da alçada do significante” (Lacan, 1998, p. 15). De fato, é o que Marcos faz ao sair e levar a carta-roubada. Deixa, em seu *acting-out*, a sua mensagem, sua carta-resto particular. Trata-se, portanto, de abri-la, e ler:



Fabrico um elefante
de meus poucos recursos.

Um tanto de madeira
tirado a velhos móveis
talvez lhe dê apoio.

E o encho de algodão,
de paina, de doçura.

A cola vai fixar
suas orelhas pensas.

...

Eis o meu pobre elefante
pronto para sair
à procura de amigos
num mundo enfastiado
que já não crê em bichos
e duvida das coisas.

Ei-lo, massa imponente
e frágil, que se abana
e move lentamente
a pele costurada
onde há flores de pano
e nuvens, alusões
a um mundo mais poético
onde o amor reagrupa
as formas naturais.

Vai o meu elefante
pela rua povoada,
mas não o querem ver
nem mesmo para rir
da cauda que ameaça
deixá-lo ir sozinho.

...

E já tarde da noite
volta meu elefante,
mas volta fatigado,
as patas vacilantes
se desmancham no pó.

Ele não encontrou
o de que carecia,
o de que carecemos,
eu e meu elefante,
em que amo disfarçar-me.

Exausto de pesquisa,
caiu-lhe o vasto engenho
como simples papel.

A cola se dissolve
e todo o seu conteúdo
de perdão, de carícia,
de pluma, de algodão,
jorra sobre o tapete,
qual mito desmontado.

Amanhã recomeço.

O Elefante

Carlos Drummond de Andrade



Referências

- Andrade, C. D. (1945/2012). O Elefante. Em **A Rosa do Povo**. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1996). "A dinâmica da transferência" (1912). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1996). "Observações sobre o amor transferencial" (1915). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1996). "Dois verbetes de enciclopédia" (1923). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (1998). O seminário sobre "A carta roubada". *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- Lacan, J. (1998). A direção da cura e os princípios de seu poder. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- Lacan, J. (1962-1963/2005) *O Seminário, livro X: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Loyola, V. M. Z de. (2007). A metáfora no trabalho clínico. Guarapari: Exlibris.
- Martins, G. M. (2009). Lacan, leitor de Poe: a carta roubada. *Revista Anais: UFMG*.
- Poe, E. A. (2011). A carta roubada e outras histórias de crime e mistério. Porto Alegre: L&PM.
- Porge, E. (1993) "Transferência". In: KAUFMANN, P. (Org.). *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, p. 548-556.



Revista Borromeo N° 4 - Año 2013

<http://borromeo.kennedy.edu.ar>

revistaborromeo@kennedy.edu.ar

ISSN 1852-5704

Trier, Lars Von. Entrevista concedida à revista Veja em abril de 2011. Disponível em <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/dica-de-leitura/lars-von-trier-a-depressao-e-o-fim-do-mundo>. Acesso em 12 de setembro de 2012.